

Ázimos como ecoteologia exodal

Unleavened bread as exodus ecotheology

Matthias Grenzer

Dêvisson Luan Oliveira Dias

Resumo

As tradições exodais pertencentes à Bíblia Hebraica, com os seus diversos olhares para a natureza, favorecem uma reflexão ecoteológica e/ou uma ecoespiritualidade, instigando, em seus ouvintes-leitores e suas ouvintes-leitoras, uma maior consciência ambiental. Ora de forma poético-narrativa, ora de modo jurídico, elas insistem em compreensões e comportamentos que visam tanto ao reconhecimento da natureza como palavra de Deus quanto à preservação de flora e fauna. Diante desse horizonte, reconhece-se também que alimentos, além de acompanharem o ser humano durante toda a sua vida, vinculam-no à natureza. Nesse sentido, como parte das tradições exodais, os “ázimos” são um importante símbolo. Por isso, prevê-se nesta pesquisa uma investigação multidisciplinar desse alimento em questão, procurando por sua materialidade e representatividade. Com isso, ganharão visibilidade as dimensões ecoteológicas dos pães ázimos e/ou a proposta de ecoespiritualidade libertadora que lhes é inerente. A pesquisa aqui proposta se insere no âmbito da hermenêutica ecológica, ou seja, da leitura verde dos textos bíblicos. Essa temática, trinta anos atrás, no momento da publicação do documento eclesial “A interpretação da Bíblia da Igreja”, ainda não tinha ganhado maior visibilidade. Hoje, porém, cabe-lhe urgência.

Palavras-chave: Bíblia. Cereais. Fermento. Ázimo. Ecoteologia.

Abstract

The Exodus traditions belonging to the Hebrew Bible promote an eco-theological reflection and/or an eco-spirituality, instigating in their listener-readers a greater environmental consciousness. Sometimes in a poetic-narrative way, sometimes in a legal way, they insist on understandings and practical attitudes that aim at both the recognition of nature as the word of God and the preservation of flora and fauna. Against this horizon, it is also recognized that food, besides accompanying human beings throughout their lives, links them to nature. In this sense, as part of the Exodus traditions, the "unleavened bread" is an important symbol. Therefore, an investigation of this food is planned in this research, looking for its materiality and representativeness. With this, the eco-theological dimensions of unleavened bread and/or the proposal for a liberating eco-spirituality inherent to it will gain visibility. The research proposed here falls within the scope of ecological hermeneutics, that is, the green reading of biblical texts. This theme, thirty years ago, at the time of publication of the ecclesial document "The Church's interpretation of the Bible", had not yet gained greater visibility. Today, however, it is urgent.

Keywords: Bible. Cereals. Leaven. Unleavened bread. Ecotheology.

Introdução

Ocorre, comumente, que “exegetas, em seus trabalhos, adotem novos pontos de vista que correspondam a correntes de pensamento contemporâneas que não obtiveram, até aqui, uma importância suficiente.”¹ Em vista disso, a *Pontifícia Comissão Bíblica*, trinta anos atrás, mencionou as “circunstâncias econômicas, sociais e políticas dos países da América Latina”, com o nascimento da Teologia da Libertação, e o “contexto sociocultural da luta pelos direitos da mulher”, especialmente nos Estados Unidos.² Ambas as correntes tinham provocado importantes releituras da Bíblia que, não poucas vezes, precisavam opor-se a preconceitos e/ou leituras errôneas anteriores. Dessa forma, descobriu-se, em nível comunitário e acadêmico, que a Sagrada Escritura, em princípio, amplamente visa

¹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 74.

² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 74 e 78.

à libertação dos oprimidos e à dignidade da mulher. São questões inerentes à fé em Deus. Não as acolher significaria não ouvir a palavra divina.

Nos últimos anos, por sua vez, outra questão ganhou importância: a *preservação do ambiente*. Ora a atenção se dirige aos elementos abióticos, isto é, à água, ao ar, ao solo, ao calor e, com isso, às condições climáticas nos diferentes espaços geográficos. Ora a flora e a fauna, isto é, os vegetais e os animais se tornam a grande preocupação. Com isso, no âmbito dos estudos bíblicos, surgiram novas e importantes releituras da Sagrada Escritura. Impôs-se a questão sobre a relação entre “Bíblia e ecologia”.³ Trinta anos atrás, essas *leituras verdes* ainda não tinham entrado no horizonte da Pontifícia Comissão Bíblica. Por isso, faz sentido chamar maior atenção para a *hermenêutica ecológica* ao celebrar, neste dossiê da Revista Brasileira de Interpretação Bíblica (ReBiblica), o trigésimo aniversário do documento “A interpretação da Bíblia na Igreja”. Neste artigo, visa-se um exercício exegético bem definido.⁴ Serão investigados os “ázimos (מַצוֹת)”, sobretudo no contexto da narrativa exodal. Trata-se de pães específicos que, a partir de sua materialidade, ganham determinada representatividade. Junto a isso, as tradições bíblicas em questão parecem insistir numa ecoespiritualidade que inclui “a austeridade responsável, a grata contemplação do mundo, o cuidado da fragilidade dos pobres e do meio ambiente.”⁵

³ Seja mencionado o novo manual que, nos seus trinta capítulos, escritos por diversos autores, apresenta uma amostra significativa dos resultados até agora alcançados [MARLOW, H.; HARRIS, M. (Orgs.), *The Oxford Handbook of The Bible and Ecology*]. Nessa obra, ocorre uma descrição das origens, das diferentes aproximações e das prospectivas em relação às dimensões ambientais pertencentes aos textos bíblicos (HORRELL, D. G., *Ecological Hermeneutics*, p. 19-34).

⁴ Desde 2019, diversos exercícios exegéticos de leitura verde dos textos pertencentes à Bíblia Hebraica foram realizados por membros do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento). Ora se visa aos textos que compõem o Pentateuco [GRENZER, M.; GROSS, F., *Leis deuteronomicas favoráveis à preservação de fauna e flora*; GRENZER, M., *Econarrativas exodais*; GRENZER, M., *Aprendizados com a catástrofe climática (Ex 9,13-35)*; GRENZER, M., *A morte do gado (Ex 9,1-7)*; GRENZER, M., *Fuligem*; GRENZER, M., *Locusts*]. Ora ocorrem leituras do livro dos Salmos (GRENZER, M., *Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro*; GRENZER, M.; RAMOS, M. S., *Água nos Salmos*; GRENZER, M.; AGOSTINHO, L. H. S., *Árvores nos Salmos*; GRENZER, M.; BARROS, P. F.; DANTAS, J. A. S., *Pássaros nos Salmos*; GRENZER, M.; DANTAS, J. A. S.; BARROS, P. F., *A bondade de Deus no templo e na natureza*). Outras pesquisas, tematicamente, abrangem o conjunto dos textos que formam o Pentateuco, os Profetas e os Escritos (GRENZER, M.; FERNANDES, L.; A., *Gafanhotos na Bíblia Hebraica*; GRENZER, M., *O sal na Bíblia Hebraica*; GRENZER, M.; GROSS, F., *Os peixes na reflexão ecoteológica da Bíblia Hebraica*).

⁵ LS 214.

Seja ainda dito que a presente pesquisa surge no âmbito da teologia cristã. Assim, existe consciência de a hóstia consagrada na celebração eucarística ser *ázimo* ou *pão não levedado*. Afinal, Jesus de Nazaré instalou a memória de sua presença no pão e no vinho em sua última ceia (Mt 26,26-30; Mc 14,17-21; Lc 22,14-23) no “primeiro dia dos ázimos (ἄζυμα)” (Mt 26,17; Mc 14,1.12; Lc 22,1.7). Assim, com a sua vocação de “ser massa (φύραμα) nova” e “ázimo (ἄζυμος)” (1Cor 5,7), isto é, propondo-se a celebrar o mistério da fé “com os ázimos (ἄζύμοις) da sinceridade e verdade” (1Cor 5,8), cabe também ao cristão e à cristã importarem-se com a materialidade e a representatividade que acompanham esse alimento oferecido pela natureza e elaborado pelo ser humano.

1. O vocabulário

A cientificidade da interpretação dos textos milenares pertencentes à Bíblia Hebraica depende do esforço de acolher tais tradições literárias no idioma em que, originalmente, foram configuradas, a fim de que sua compreensão não dependa da mediação de traduções. Nesse sentido, parte-se aqui do trabalho com a edição crítica da *Bíblia Hebraica* comumente usada no mundo acadêmico.⁶ Todos os textos bíblicos são apresentados com tradução própria.

O substantivo hebraico feminino habitualmente traduzido como “ázimo” ou “pão sem fermento (פֶּזֶז I)” aparece cinquenta e três vezes na Bíblia Hebraica (Gn 19,3; Ex 12,8.15.17.18.20.39; 13,6.7; 23,15^{2x}; 29,2^{3x}.23; 34,18^{2x}; Lv 2,4^{2x}.5; 6,9; 7,12^{2x}; 8,2.26^{2x}; 10,12; 23,6^{2x}; Nm 6,15^{2x}.17.19^{2x}; 9,11; 28,17; Dt 16,3.8.16; Js 5,11; Jz 6,19.20.21^{2x}; 1Sm 28,24; 2Rs 23,9; Ez 45,21; Esd 6,22; 1Cr 23,29; 2Cr 8,13; 30,13.21; 35,17). É incerto qual raiz verbal origina o substantivo. Ora se pensa em “sorver (רָצַם)” (Is 66,11), no sentido de pães sem fermento serem “algo sugado”, “escoado” ou “drenado”. Ora se imagina a raiz verbal “acelerar (רָצַץ I)”, o que permite a ideia de ázimos serem pães “feitos com pressa” (Lm 4,15).⁷

Para representar a realidade oposta, existe a raiz verbal “fermentar (רָחַץ I)” (Ex 12,34.39; Os 7,4; Sl 73,21). Dela nascem o substantivo masculino traduzível como “fermento (רָחַץ)” ou algo “fermentado” (Ex 12,15; 13,3.7; 23,18; 34,25; Lv 2,11; 6,10; 7,13; 23,17; Dt 16,3; Am 4,9), oferecendo destaque ao funcionamento do agente de fermentação na massa feita com farinha e água, e o substantivo

⁶ ELLIGER, K.; RUDOLPH, W., *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*.

⁷ KLEIN, E., *A Comprehensive Etymological Dictionary of the Hebrew Language for Readers of English*, p. 374.

feminino “coisa fermentada (מִתְּפֵחַת)” (Ex 12,19.20). A mesma raiz verbal pode ganhar a conotação de “ser azedo (יָחַד I)””, dando origem ao substantivo masculino “vinagre (יָחַד)” (Nm 6,3^{2x}; Sl 69,22; Pr 10,26; 25,20; Rt 2,14). Além disso, a mesma raiz ganha visibilidade como adjetivo na expressão “forragem azeda (יָחַד)” (Is 30,24).

Nesse contexto, vale ainda lembrar outros poucos vocábulos. Sem poder detectar a raiz verbal, existe o substantivo masculino “levedura (שָׂאֵר)” (Ex 12,15.19; 13,7; Lv 2,11; Dt 16,4), que, colocada na “massa (בֶּצֶק)” ou na “farinha amassada” (Ex 12,34.39; 2Sm 13,8; Jr 7,18; Os 7,4), se torna fermento. No caso, a palavra “levedura (שָׂאֵר)” também faz lembrar o substantivo “amassadeira (מְשַׂאֵרֶת)” (Ex 7,28; 12,34; Dt 28,5.17). Nesse contexto, também se verifica o verbo “amassar (לִשֵּׂא)” (Gn 18,6; 1Sm 28,24; 2Sm 13,8; Jr 7,18; Os 7,4).

2. Narrativa e leis exodais

Quando os hebreus saem do Egito após os seus “quatrocentos e trinta anos” de estada (Ex 12,40), com a experiência de uma dura “servidão” imposta com “brutalidade pelo regime faraônico” (Ex 1,22), um alimento ganha destaque. Narra-se como “o povo, sobre seu ombro, carregou sua massa (בֶּצֶק) antes que fermentasse (יָחַד)”, isto é, “suas amassadeiras envolvidas em suas vestimentas” (Ex 12,34), e como “cozeram broas (צֵגוֹת) de ázimos (מִצּוֹת) com a massa (בֶּצֶק) que fizeram sair do Egito, porque não fermentara (יָחַד). De fato, eles tinham sido expulsos pelos egípcios e não puderam demorar-se; tampouco fizeram provisões para si” (Ex 12,39). Eis a narrativa exodal.

A narrativa, por sua vez, isto é, os episódios cênicos ganham, a partir de Ex 12, a companhia de “regulamentações, ou seja, de discursos prescritivos com instruções referentes à estruturação cronológica e à realização de rituais”, no sentido de “os gêneros principais narrativa e lei estarem conectados”.⁸ Portanto, em vista da celebração da “festa da páscoa (פֶּסַח)” (Ex 34,25), isto é, ao cultivar a memória exodal, o alimento aqui investigado novamente se torna importante. Como os filhos de Israel, na “noite” da saída do Egito, “comeram a carne” do gado miúdo “com ázimos (מִצּוֹת) e ervas amargas” (Ex 12,8), existe agora a seguinte instrução para as gerações futuras: “Durante sete dias comereis ázimos (מִצּוֹת). Certamente, no primeiro dia, removereis a levedura (שָׂאֵר) de vossas casas, porque

⁸ UTZSCHNEIDER, H.; OSWALD, W., Exodus 1–15, p. 244.

todo aquele que, entre o primeiro dia e o sétimo dia, comer algo fermentado (חֶמֶץ), essa alma será eliminada de Israel” (Ex 12,15; 13,6-7; 23,15; 34,18; Lv 23,6; Nm 9,11; 28,17; Dt 16,3.8.16). Ou seja, existe o mandamento de “cuidar dos ázimos” (Ex 12,17), no sentido de, “no primeiro mês, no dia catorze, à tarde, comer ázimos, até o dia vinte e um do mês, à tarde” (Ex 12,18), ou, no caso de quem é impedido por uma impureza, de celebrar a páscoa com “ázimos (מֵצוֹת)” um mês depois (Nm 9,11). Todavia, deve-se “comer ázimos em todas as habitações” (Ex 12,20).

Nos livros que seguem o Pentateuco na Bíblia Hebraica, a celebração da páscoa com “ázimos (מֵצוֹת)” durante sete dias recebe diversas menções (Js 5,11; Ez 42,21; Esd 6,22; 2Cr 8,13; 30,13.21; 35,17). A pesquisa aqui pretendida concentra-se nos “ázimos (מֵצוֹת)” como alimento, isto é, nos pães “não levedados” ou “não fermentados” (Ex 12,34.39), mencionados ora na narrativa exodal, ora nas tradições jurídicas dela nascidas. Visa-se tanto à materialidade como à representatividade dos pães ázimos e, com isso, às suas dimensões ecoteológicas.

3. A materialidade dos ázimos

Por dirigir-se ao ouvinte-leitor do Israel bíblico, a Bíblia Hebraica olha, em especial, para o Levante e, junto a isso, para o Egito e o antigo Oriente Próximo. Vale para essas regiões que, “junto a outros produtos alimentícios feitos de trigo, cevada e outros grãos moídos, o pão era a fonte essencial de carboidrato na dieta antiga.”⁹ Existe, no entanto, a seguinte diferença: se “no Levante os sistemas de produção alimentícia se encontram ligados à queda da chuva, inclusive a agricultura de deflúvio na zona árida, já no Egito e na Mesopotâmia as enchentes causadas pelos rios” garantem a fertilidade dos campos e a produção dos cereais.¹⁰

A Bíblia Hebraica menciona quatro espécies de cereais. A “cevada (שְׂעִירָה)” aparece trinta e quatro vezes (Ex 9,31^{2x}; Lv 27,16; Nm 5,15; Dt 8,8; Jz 7,13; 2Sm 14,30; 17,28; 21,9; 1Rs 5,8; 2Rs 4,42; 7,1.16.18; Is 28,25; Jr 41,8; Ez 4,9.12; 13,19; 45,13; Os 3,2^{2x}; Jl 1,11; Jó 31,40; Rt 1,22; 2,17.23; 3,2.15.17; 1Cr 11,13; 2Cr 2,9.14; 27,5). Semelhantemente, o “trigo (חֵטָה)” está presente trinta vezes (Gn 30,14; Ex 9,32; 29,2; 34,22; Dt 8,8; 32,14; Jz 6,11; 15,1; 1Sm

⁹ EBELING, J. R., Baking, p. 66.

¹⁰ BRUINS, H. J., Nutrition/Food, p. 686.

6,13; 12,17; 2Sm 4,6; 17,28; 1Rs 5,25; Is 28,25; Jr 12,13; 41,8; Ez 4,9; 27,17; 45,13; Jl 1,11; Sl 81,17; 147,14; Jó 31,40; Rt 2,23; Ct 7,3; 1Cr 21,20.23; 2Cr 2,9.14; 27,5). Apenas três vezes aparece o vocábulo “espelta (עֲסֵלְתָּ)” (Ex 9,32; Is 28,25; Ez 4,9), cereal que pertence à família do trigo. Outros, porém, compreendem o mesmo vocábulo como “centeio (עֲסֵלְתָּ)”. Por fim, há uma só menção do “milhete (חֵדֶיךָ)” (Ez 4,9). Sejam mencionados também os vocábulos mais genéricos traduzíveis como “cereal (אֲדָמָה)” (Gn 27,28.37; Nm 18,12.27; Dt 7,13; 11,14; 12,17; 14,23; 18,4; 28,51; 33,28; 2Rs 18,32; Is 36,17; 62,8; Jr 31,12; Ez 36,29; Os 2,10.11.24; 7,14; 9,1; 14,8; Jl 1,10.17; 2,19; Ag 1,11; Zc 9,17; Sl 4,8; 65,10; 78,24; Lm 2,12; Ne 5,2.3.10.11; 10,40; 13,5.12; 2Cr 31,5; 32,28) e “grão (אֲדָמָה II)” (Gn 42,1.2.19.26; 43,2; 44,2; 47,14; Am 8,5; Ne 10,32).

Ao serem colhidos, debulhados, joeirados, peneirados, estocados e, finalmente, moídos, os grãos dão origem à “farinha (אֲדָמָה)” (Gn 18,6; Nm 5,15; Jz 6,19; 1Sm 1,24; 28,24; 2Sm 17,28; 1Rs 5,2; 17,12.14.16; 2Rs 4,41; Is 47,2; Os 8,7; 1Cr 12,41) e à “farinha fina” ou “flor de farinha”, isto é, à “sêmola (סֵמֹלָה)” (Gn 18,6; Ex 29,2.40; Lv 2,1,2,4,5,7; 5,11; 6,8.13; 7,12; 14,10.21; 23,13.17; 24,5; Nm 6,15; 7,13.19.25.31.37.43.49.55.61.67.73.79; 8,8; 15,4.6.9; 28,5.9.12^{2x}.13.20.28; 29,3.9.14; 1Rs 5,2; 2Rs 7,1.16.18; Ez 16,13.19; 46,14; 1Cr 9,29; 23,29). Misturando a farinha com água, chega-se à “massa (מַצָּה)” (Ex 12,34.39; 2Sm 13,8; Jr 7,18; Os 7,4), pressupondo-se o trabalho de “amassar (לוּשׁ)” (Gn 18,6; 1Sm 28,24; 2Sm 13,8; Jr 7,18; Os 7,4) a matéria pastosa.

Justamente no momento da amassadura, por sua vez, ocorre a decisão de fazer pães levedados ou ázimos. No primeiro caso, “depois de amassar, o pão fermentado precisa levedar”, sendo que “o tempo de levedação pode variar consideravelmente, dependendo da atividade do agente fermentador, da quantidade usada em comparação com o volume da massa, do nível de hidratação da massa e da temperatura”; isto é, “no mínimo, isso leva mais de uma hora, mas pode ser mais de um dia.”¹¹ Ao contrário disso, o pão ázimo “era assado quando pão precisava ser feito rapidamente.”¹² Nas narrativas bíblicas, ora isso vale para o momento em que Ló recebe os dois visitantes (Gn 19,3), ora para os hebreus que saem do Egito (Ex 12,39). Semelhantemente, com pressa, “ázimos” são preparados por Gedeão para os anjos (Jz 6,19-21) e pela necromante em Endor para Saul (1Sm 28,24).

¹¹ PETERS, K., *Language of Food and Cooking in the Hebrew Bible*, p. 482.

¹² EBELING, J. R., *Grains, Bread, and Beer*, p. 107.

Os processos fermentativos acompanham a humanidade há milênios, há cerca de 10 mil anos. Obviamente, a compreensão atual desse processo, mediada pelos avanços tecno-científicos e, em especial, pela microscopia, é diferente do que se tinha no mundo antigo. No que se refere à massa simples formada pela farinha e água, para que ela fique levedada, basta que ela seja submetida, por um tempo, a agentes selvagens, isto é, aos micro-organismos presentes no ar e/ou nos próprios grãos dos cereais e, conseqüentemente, na farinha.¹³

Para encurtar o processo de fermentação, por sua vez, é possível acrescentar um acelerador. Pode ser um pedaço de massa azeda, que foi levedada no dia anterior. Também é possível usar como agente de fermentação pedaços de frutas, a espuma da cerveja ou o mel. Com isso, auxiliada pela temperatura e baixa luminosidade, a massa nova incha, ou seja, ocorre o processo de fermentação ou levedação. No caso, micro-organismos, na ausência de oxigênio, isto é, no ambiente anaeróbico, provocam uma reação química, transformando compostos orgânicos complexos – como o amido presente nos cereais, agora macerados para a obtenção da farinha – em compostos simples como álcool e gases.

A fermentação ou levedação resulta na mudança das propriedades do pão, a saber, do cheiro, do sabor, da cor, da textura e do tamanho. Embora o pão não levedado, isto, o ázimo, tenha maior teor calórico, o pão levedado, em princípio, é mais saboroso e atrativo. Nutricionalmente, no entanto, ambos os tipos de pão se equivalem.

Finalmente, pães fermentados e não fermentados precisam ser “cozidos” e/ou “assados (אִפֵּן)” (Gn 19,3; Ex 12,39; 16,23^{2x}; Lv 6,10; 7,9; 23,17; 24,5; 26,26; 1Sm 28,24; Is 44,15.19; Ez 46,20). Conhece-se a personagem do “padeiro (אִפֵּן)”, responsável pela preparação da massa e pela assadura dela (Gn 40,1.2.5.16.17.20.22; 41,10; 1Sm 8,13; Jr 37,21; Os 7,4.6). E sabe-se de “quatro formas de assar o pão: duas no fogo aberto (diretamente no carvão ou em cima de

¹³ Quer dizer, privando a massa nova, feita de farinha e água, de um longo período de descanso, evita-se que ela entre em contato com os agentes fermentativos sempre presentes na natureza e/ou se minimizam os efeitos deles. Por isso, não se concorda aqui com a hipótese de que a formulação em Ex 12,34 – “O povo carregou sua farinha amassada, antes que fermentasse” – pressupõe que os israelitas esperavam pelo crescimento da massa, porque eles já “tinham adicionado levedura à farinha antes ou no mesmo momento em que acrescentaram a água” (COLLINS, N. L., *Did the Israelites Leave Egypt with Unleavened Bread?*, p. 4). Não é preciso imaginar isso. A expectativa de que a massa fermente corresponde ao que naturalmente ocorre com o tempo, mesmo sem o uso de um acelerador fermentativo.

uma bandeja) e duas em um fogão (seja no chão do forno aquecido por fora, seja nas paredes interiores do forno aquecido de dentro).¹⁴ No caso do fogo aberto, aquece-se o chão ou uma pedra com “brasas (רִצְפִּים)” (1Rs 19,6), assando o pão nas cinzas, ou se instala uma “chapa (מִתְחַבֵּת)” (Lv 2,5; 6,14; 7,9; 1Cr 23,29) sobre as brasas. A alternativa é, como dito, tratar-se de algo “assado (מְאָפָה) num forno (תֹּבַחַר)” (Lv 2,4). Enfim, “assar pão e bolos era uma das mais importantes atividades de preparação de alimento executada diariamente em um lar do antigo Oriente Próximo.”¹⁵

4. A representatividade dos ázimos

O que os pães não levedados, no entanto, assumem de conotações simbólicas e, com isso, de significados religiosos e/ou teológicos nas tradições exodais? Sejam destacados alguns pontos de reflexão que ora nascem do olhar para o alimento em questão, ora do olhar para os diversos espaços em que os ázimos entram em cena.

“Ázimos (מִצּוֹת)” não apenas podem ser preparados às pressas, mas, na noite do êxodo, junto com a “carne (בֶּשֶׂר)” do cordeiro ou cabrito e junto com as “ervas amargas (מְרִירִים)” (Ex 12,8), devem ser “comidos com pressa (הִפְזוֹן)” (Ex 12,11). Com isso, a celeridade da ceia pascal ajuda a cultivar a memória de como “os israelitas, às pressas (הִפְזוֹן), saíram da terra do Egito” (Dt 16,3), lembrando que “os egípcios”, após o desastre da morte dos primogênitos, “pressionaram o povo, a fim de, velozmente (מֵהָרָה), mandá-lo embora da terra” (Ex 12,33). Com isso, os ázimos indicam a pressa, isto é, a urgência e a rapidez com que os oprimidos devem sair da sociedade opressiva. Isso, porém, não significa correria e/ou medo da eventual perseguição. Afinal, após o primeiro êxodo do Egito, já não é mais preciso “sair às pressas (הִפְזוֹן) ou andar em fuga” quando novamente se sai de âmbitos violentos e nada favoráveis à liberdade, sabendo que é “o SENHOR, Deus de Israel, quem vai à frente e reúne” (Is 51,12). Isto é, a dinâmica exodal, divinamente, sempre tem sua vitória garantida.

Outra conotação simbólica nasce da simplicidade inerente ao alimento dos ázimos. É “o pão da opressão (לֶחֶם עֲנִי)” ou da “miséria” (Dt 16,3). No caso, é a raiz verbal cujo significado é “curvar”, “humilhar” e/ou “oprimir (עָנָה II)”

¹⁴ PETERS, K., Hebrew Lexical Semantics and Daily Life in Ancient Israel, p. 88.

¹⁵ EBELING, J., Baking, p. 66.

(Ex 1,11-12) que origina o substantivo “miséria” ou “opressão (עָנִי)” (Ex 3,7,17; 4,31). Junto à narrativa exodal, faz sentido que os pães não levedados, como alimento singelo e menos nutritivo, representem as condições de vida marcadas pela pobreza e pela opressão violenta.

Simultaneamente, por sua vez, os pães ázimos indicam também a inversão da situação em que um regime repressivo impõe a miséria a milhares de pessoas e/ou a um povo inteiro. Um sinal disso consiste no prazo marcado. Os “ázimos (מַצּוֹת)” devem ser comidos durante “sete dias (שִׁבְעַת יָמִים)” (Ex 12,15.18-19; 13,6-7; 34,18; Lv 23,6; Nm 28,17; Dt 16,3; Ez 45,21; Esd 6,22). Esse prazo remete ao ritmo semanal e, com isso, à semana da criação (Gn 1,1-2,3). Portanto, semelhantemente aos sete dias da criação do mundo, o período em que são comidos ázimos para celebrar a memória da dinâmica exodal visa à nova criação, com os injustiçados voltando à sua liberdade e dignidade originais.

Eis também a razão de realizar “a festa dos ázimos (חַג הַמַּצּוֹת)” (Ex 23,15; 34,18; Lv 23,6; Dt 16,16; Esd 6,22; 2Cr 8,13; 2Cr 30,13.21; 35,17). Como, na noite da saída do Egito, “o povo carregou sua farinha amassada, antes que fermentasse, e, sobre seus ombros, suas amassadeiras, envolvidas em suas vestimentas” (Ex 12,34), e como, “com a massa de farinha que fizeram sair do Egito, cozeram broas ázimas (עֲגוֹת מַצּוֹת), porque não fermentara” (Ex 12,39), posteriormente, a repetida presença dos pães não levedados deve atualizar a esperança de que o Senhor, Deus de Israel, sempre de novo ofereça sua graça que resulta na libertação dos oprimidos. Para quem se encontra injustiçado e forçado à vida na miséria, isso é motivo de festa.

Com a realização da festa contribui também o fato de que os “ázimos (מַצּוֹת)” – isto é, “o pão da miséria” (Dt 16,3) – e as “ervas amargas (מְרִירִים)” – representantes da “da vida amargurada (מֵרַר) dos israelitas” por causa da “servidão dura” (Ex 1,14) –, em princípio, são comidos com a “carne (בֶּשֶׂר) assada no fogo (צֵלִי-אֵשׁ)” (Ex 12,8; Nm 9,11). Quer dizer, os pães não levedados, como alimento simples, acompanham o alimento rico e saboroso, que representa o bem-estar e a riqueza.

Por fim, seja lembrado que os pães não fermentados devem ser comidos “em todas as habitações (בְּכָל מוֹשְׁבַת)” (Ex 12,20) e/ou “em todo o território (בְּכָל-אֶרֶץ)” (Ex 13,7). Cada pessoa e/ou família deve “cuidar (שָׁמַר) dos ázimos (אֶת-הַמַּצּוֹת)” (Ex 12,17; 23,15; 34,18), e isso “em relação a todas as gerações” (Ex 12,17). Portanto, trata-se de um ritual e, com isso, de uma consciência assumida por toda a sociedade em todos os tempos, sendo que o povo, com o cultivo da

memória exodal, adquire sua identidade e seu compromisso mais importante. Além do mais, o ritual se torna e/ou culmina em uma “celebração para o SENHOR (סַג לַיהוָה)” (Ex 13,6; cf. também Lv 23,6; Dt 16,8) e em “festa” de peregrinação (Dt 16,16), confirmando-se, assim, as dimensões divinas dos ázimos e daquilo que esse alimento representa.¹⁶

Conclusão

Ázimos, isto é, pães não levedados, materialmente, são um alimento simples. Misturando-se farinha e água, adicionando-se um pouco de sal e, talvez, outro ingrediente, a massa pode ser preparada e assada em instantes. Não se trata de uma comida sofisticada, de sabor diversificado e/ou de maior valor nutritivo. No entanto, originados pela terra, pela água, pelo calor, isto é, pelas condições climáticas, pela geografia, pelos cereais, que são vegetais, e pelo esforço humano no processo de agricultar a terra e produzir o alimento, os ázimos favorecem um encontro com o que é básico, elementar e acessível. Enfim, muitos fatores se somam para obter os pães em questão, capazes de, como fonte de carboidratos, satisfazer a fome da pessoa e, portanto, ajudar na sobrevivência. Vislumbra-se o quanto a natureza é complexa, mesmo em vista daquilo que, aparentemente, é um alimento simples. Todavia, o ecossistema, merecedor do respeito e do cuidado humano, precisa funcionar bem para que pães ázimos possam ser assados e consumidos. Além disso, tanto o reconhecimento da complexidade do funcionamento da natureza como o encontro maravilhado com cada elemento que dela faz parte, em princípio, suscitam no ser humano a pergunta a respeito de

¹⁶ Não foram comentadas aqui as prescrições que determinam as presenças de “pão de ázimos (לֶחֶם מֵצוֹת), roscas de ázimos (חֻלְתֵּי מֵצוֹת) e tortas de ázimos (רֻקִּיקֵי מֵצוֹת)”, assim como do “cesto de ázimos (סַל הַמֵּצוֹת)”, no momento da consagração de sacerdotes (Ex 29,2.23; Lv 8,2.26) ou quando se completam os dias do nazireato de alguém (Nm 6,15.17.19). Também não foram discutidas as leis que visam às “roscas de ázimos (חֻלְתֵּי מֵצוֹת)” e às “tortas de ázimos (רֻקִּיקֵי מֵצוֹת)” como “oferta de manjar (מִנְחָה)” (Lv 2,4) – algo feito de “sêmola (סֵלֶת) ázima (מֵצָה)” (Lv 2,5) –, às partes das ofertas que os sacerdotes, no lugar santo, comem como “ázimos (מֵצוֹת)” (Lv 6,9; 10,12) ou às “roscas de ázimos (חֻלְתֵּי מֵצוֹת)” e “tortas de ázimos (רֻקִּיקֵי מֵצוֹת)” apresentadas como “sacrifício de ação de graça (זֶבַח הַתּוֹדָה)” (Lv 7,12). Comumente, ao analisar a presença dos pães não levedados, não se descreve uma relação entre os “ázimos como ofertas”, os “ázimos na ordenação sacerdotal e na lei do nazireato” e os “ázimos na páscoa” (WEYDE, K. M., *Mazotfest*, p. 2-3). No entanto, ao ler o Pentateuco em sua forma final, os ázimos no espaço cultural lembram os ázimos da memória exodal.

Deus como criador de toda a criação. Ou, com outras palavras: a teologia se torna ecoteologia.

A partir de sua materialidade, porém, a Bíblia Hebraica atribui uma representatividade específica aos ázimos. No caso, o alimento natural ganha a tarefa de transmitir e/ou veicular a memória exodal. De um lado, os pães não levedados, com toda a simplicidade inerente, se tornam lembrança da “opressão” ou “miséria” sofrida no Egito faraônico (Dt 16,3). De outro, eles recordam os acontecimentos ocorridos na noite de saída, isto é, a experiência histórica do êxodo, quando os filhos de Israel, “com a massa de farinha que fizeram sair do Egito, cozeram broas ázimas” para si (Ex 12,39). Mais ainda, após os israelitas “terem comido o maná durante quarenta anos” em toda a sua travessia do deserto (Ex 16,35) – isto é, outro alimento simples que, inclusive, se tornou motivo de murmuração: “Apenas o maná está a nossos olhos!” (Nm 11,6) –, a possibilidade de novamente “comerem ázimos” marca a chegada à terra prometida (Js 5,11). Por fim, a celebração anual da “festa dos ázimos” (Ex 23,15) quer tornar permanente a memória da saída do Egito, a qual, em terras novas, resultaria em bem-estar e na construção de uma sociedade alternativa.

Com isso, observa-se o quanto os ázimos se tornam ecoteologia exodal. Com sua materialidade e representatividade, eles são palavra de Deus, sendo que, de forma ímpar, unem a consciência ambiental à questão social. Assim, é oportuno fazer a experiência de “ser ázimo”, isto é, somente “massa nova” (1Cor 5,7), a fim de celebrar a fé “com os ázimos de sinceridade e verdade”, sem insistir no “velho fermento da maldade e perversidade” (1Cor 5,8).

Referências bibliográficas

BRUINS, H. J. Nutrition/Food. In: BERLEJUNG, A. **Encyclopedia of Material Culture in the Biblical World**. A New Babiches Reallexikon. Tübingen: Mohr Siebeck, 2022, p. 686-700.

COLLINS, N. L. Did the Israelites Leave Egypt with Unleavened Bread? The Historical Significance of the Israelites' Food. **Biblical Theology Bulletin**, v. 46, n. 1, p. 3-11, 2016.

EBELING, J. R. Grains, Bread, and Beer. In: In: FU, J.; SHAFER-ELLIOTT, C.; MEYERS, C. **The T&T Clark Handbook of Food in the Hebrew Bible and Ancient Israel**. London: T&T Clark, 2022, p. 99-112.

EBELING, J. R. Baking. In: BERLEJUNG, A. **Encyclopedia of Material Culture in the Biblical World**. A New Biblisches Reallexikon. Tübingen: Mohr Siebeck, 2022, p. 66-70.

ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

GRENZER, M.; GROSS, F. Leis deuteronomicas favoráveis à preservação de fauna e flora. **Revista Pistis & Praxis**, v. 11, p. 778-791, 2019.

GRENZER, M. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro. Ecoespiritualidade no Salmo 92. **Atualidade Teológica**, v. XXIV, n. 64, p. 66-86, jan./jun. 2020.

GRENZER, M.; RAMOS, M. S. Água nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 80, n. 317, p. 750-763, 2020.

GRENZER, M.; AGOSTINHO, L. H. S. Árvores nos Salmos. Elementos para uma educação espiritual e ambiental. **Encontros Teológicos**, v. 36, n. 3, p. 439-456, 2021.

GRENZER, M. Aprendizados com a catástrofe climática (Ex 9,13-35). **Perspectiva Teológica**, v. 54, n. 2, p. 375-391, mai./ago. 2022.

GRENZER, M. Econarratividades exodais. A praga das rãs em Ex 7,26-8,11. In: GUIMARÃES, E.; SBARDELOTTI, E.; BARROS, M. (Orgs.). **50 anos de Teologias da Libertação**. Memória, revisão, perspectivas e desafios. São Paulo: Recriar, 2022. p. 129-142.

GRENZER, M.; BARROS, P. F.; DANTAS, J. A. S. Pássaros nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 82, n. 321, p. 115-129, 2022.

GRENZER, M. A morte do gado (Ex 9,1-7). **Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana**, v. 89, n. 1, p. 80-92, jan./abr. 2023.

GRENZER, M. Fuligem. Econarratividades em Ex 9,8-12. **Cadernos de Sion**, v. 4, n. 1, jan./jun. 2023.

GRENZER, M. Locusts. Econarrativities in Exod. 10:1-20. **Stellenbosch Theological Journal**, 2023.

GRENZER, M.; FERNANDES, L. A. Gafanhotos na Bíblia Hebraica. Suas dimensões socioambientais e teológicas. **Revista de Cultura Teológica**, v. 31, n. 105, mai./ago. 2023.

GRENZER, M.; DANTAS, J. A. S.; BARROS, P. F. A bondade de Deus no templo e na natureza. Leitura verde do Salmo 65. **Encontros Teológicos**, v. 38, n. 1, p. 171-196, 2023.

GRENZER, M. O sal na Bíblia Hebraica. In: **Anais do 35º Congresso Internacional da SOTER**. Belo Horizonte, 2023.

GRENZER, M.; GROSS, F. Os peixes na reflexão ecoteológica da Bíblia Hebraica. **Fronteiras**, v. 6, n. 2, jul./dez. 2023.

KLEIN, E. **A Comprehensive Etymological Dictionary of the Hebrew Language for Readers of English**. Jerusalem: Carta, 1978.

PETERS, K. Language of Food and Cooking in the Hebrew Bible. In: FU, J.; SHAFER-ELLIOTT, C.; MEYERS, C. **The T&T Clark Handbook of Food in the Hebrew Bible and Ancient Israel**. London: T&T Clark, 2022, p. 481-493.

PETERS, K. **Hebrew Lexical Semantics and Daily Life in Ancient Israel**. What's Cooking in Biblical Hebrew? Leiden: Brill, 2016.

UTZSCHNEIDER, H.; OSWALD, W. **Exodus 1–15**. Stuttgart: Kohlhammer, 2013.

WEYDE, K. W. M.; Mazzotfest. In: BAUKS, M.; PIETSCH, M. (Orgs.). **Das wissenschaftliche Bibellexikon im Internet (WiBiLex)**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2008. Acessado em: 27/06/2023.

Matthias Grenzer

Doutor em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia St.
Georgen – Alemanha



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2023v4n8p402

Docente do Departamento de Teologia na
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo / SP – Brasil
E-mail: mgrenzer@pucsp.br

Dêvisson Luan Oliveira Dias

Mestrando em Ciência Biológicas pela Universidade de São Paulo
São Paulo / SP – Brasil
E-mail: devissonluandias@gmail.com

Recebido em: 06/07/2023

Aprovado em: 28/09/2023